

Tudo de novo, outra vez

Regina Helena Alves da Silva

Eu pensei que nunca mais fosse ter um tipo de medo que tive durante minha infância, adolescência e o começo da vida adulta. Era um medo estranho porque, até eu virar estudante secundarista, ele não tinha cara. Morava na minha casa, no meio da minha família. Família que, como eu já disse, se dividia entre o pai que trabalhou no DOPS e uma tia que escondia ou era escondida.

Este mês faço 59 anos. Me lembro de que, quando cresci um pouco, minha tia me levava ao Centro da cidade e me mostrava um monte de policiais, com cassetetes, cavalos, cachorros e bombas assustadores e muitos jovens correndo pelas ruas, fugindo de barulhos, fumaças e do avanço dos cavalos e soldados. Ela me dizia: “Eles estão brigando por você, Lena. Eles estão brigando porque têm medo”.

Só comecei a entender o medo quando fui para o “Estadual de cima”, o bom e velho Colégio Estadual Central. Ainda eram aqueles policiais, mas eles começavam a ter rosto. Eu os via em colegas, professores, políticos, no governo.



Me lembro do dia em que avisaram que teríamos mais aulas de várias disciplinas, que não teríamos mais francês, que precisaríamos escolher que área gostaríamos de estudar e que teríamos de fazer um tal “curso técnico”.

A ditadura militar havia decidido fazer a reforma do ensino. Sem muito discutir, sem querer saber, sem nada. Apenas decidiu. Não queríamos que fosse daquele jeito. Começamos a nos organizar. A ditadura não permitia que houvesse grêmios estudantis nas escolas, mas apenas centros cívicos. Ganhamos as eleições e resolvemos que a ditadura poderia dar àquela salinha o nome que quisesse. Para nós era um grêmio: o grêmio estudantil do Colégio Estadual. Não íamos fazer só o festival de música, as atividades culturais e o cineclube que eram permitidos pela ditadura. Íamos brigar contra a reforma do ensino. E foi assim que tudo começou.

Os primeiros embates com a polícia, sumir por um tempo, sentir medo, muito medo do que poderia acontecer. Por que? Porque não queríamos aquela reforma. Por causa dela, fiz dois cursos técnicos malucos e tive um professor “gente boa” que, no entanto, não tinha nenhuma paciência para dar aulas de Eletricidade. Sim, eu sou técnica em Eletricidade.

Depois tudo isso deu errado e nos mandaram, após um teste vocacional, fazer um curso técnico na Utramig. Foi assim que me tornei também técnica em Desenho Publicitário. Sou herdeira da pior reforma de ensino médio que este país já produziu e também do medo que a ditadura militar passou a usar como principal instrumento na relação com os estudantes daquela época.

Depois do vestibular, fui pra Fafich. Cheguei lá já no final dos anos 70, com o “pau comendo” e o movimento estudantil se reorganizando. Havia muitas tendências e correntes e outros tantos grupos de estudantes que, além de resistir aos ataques da ditadura, propuseram a criaram muitas e muitas formas diferentes de estudar e entender o que era a educação naquela época. Na Fafich, o medo se tornou ação, posicionamento e luta.

Ocupamos a Fafich. Era uma ocupação diferente das de hoje. Ocupamos por nossos colegas presos, por nossos colegas torturados, por nossos futuros sempre ameaçados pela truculência e ignorância da ditadura. Saímos às ruas e corremos como aqueles jovens de 1968, que minha tia me levava pra ver no Centro da cidade. Corremos muito, engolimos gás, apanhamos muito e muitos foram presos.

Há muitas cenas, imagens e filmes daquela época. Muitos ficaram famosos. O medo ainda existia. Alguns diziam que era da polícia, da repressão, dos “dedo-



duro". Um dia chegamos ao setor de publicações das Ciências Sociais e estava tudo queimado: todo o nosso trabalho de semanas para imprimir as apostilas dos alunos do curso. Logo depois, outra bomba estourou na sede administrativa do DCE, onde imprimíamos o jornal Gol a Gol. Os dois atos foram assumidos pelo CCC, o Comando de Caça aos Comunistas. De onde saem jovens que jogam bombas, ateam fogo e ameaçam outros jovens que querem estudar, que lutam pela escola e pela educação pública? Eram e são truculentos esses jovens que se dizem "senhores da razão". E pra que esse medo de novo? A desconfiança do outro, do colega, do professor, do funcionário...

O pior medo que tínhamos era o de termos apenas as possibilidades dadas pela ditadura. Muitos diziam que éramos vagabundos, hippies, maconheiros, putas, viados, safados, piranhas... Éramos muitas coisas. De tanto brigar, tornamos outros caminhos possíveis para nós.

Mas outro dia acordei novamente com medo. O mesmo medo. Completo 59 anos este mês e o medo voltou. Um sobressalto porque alguém pode denunciar que estamos lutando pela educação. Medo de invadirem as escolas ocupadas por jovens que, por ironia, lutam contra uma reforma no ensino médio igual àquela que acreditávamos enterrada no passado da ignorância dos governos autoritários. Medo de professores arrebentarem portas de escolas porque



“querem dar aula” e não entendem que a aula só faz sentido se tivermos escolas, educação, liberdade de opinião e, principalmente, e tivermos uma educação que faça sentido Medo de pensar, agir e enfrentar tudo isso de novo.

Tenho medo porque acreditei que nunca mais fosse viver isso de novo. E, principalmente, tenho medo de que meus pequenos filhos tenham que viver o que eu vivi. De que eles precisem viver isso tudo de novo. Mas agora, olhando as ocupações das escolas e universidades contra a Reforma do Ensino Médio, contra a PEC 241/55 e tantas outras, eu finalmente entendi o que minha tia me disse lá naquele 1968 perdido em minha memória:

“Eles estão brigando por você, Lena.

“Eles estão brigando porque têm medo”.

Finalmente entendi que aquele medo, como este agora, era e é o medo de não termos futuro.

Tudo de novo, outra vez

Resumo

Depoimento baseado nas memórias da autora, que teme por um futuro obscuro, que reproduza o passado que já existiu na ditadura militar brasileira.

Palavras-chave

Luta estudantil. Liberdade política. Ditadura militar. Contexto atual brasileiro.

All over again

Abstract

Testimony based on the author's memories, which fears for an obscure future, that reproduces the past that already existed in the Brazilian military dictatorship.

Keywords

Student fight. Political freedom. Military dictatorship. Current Brazilian context.

Todo de nuevo, outra vez

Resumen

Testimonio basado en las memorias de la autora, que teme un futuro oscuro, que reproduzca el pasado que ya existía en la dictadura militar brasileña.

Palabras clave

Lucha estudiantil. Libertad política. Dictadura militar. Contexto actual de Brasil.

Autoria

Regina Helena Alves da Silva

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Associada da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: regina.helena@gmail.com.

Endereço para correspondência

Regina Helena Alves da Silva. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (+55 31) 34091078.

Como citar esta contribuição

SILVA, R. H. A. Tudo de novo, outra vez. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 8, p. 1358-1366, dez. 2016.

Contribuição Submetida em 5 nov. 2016. Aprovada em 19 jan. 2017. Publicada online em 3 mar. 2017. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

